



IMIGRAÇÃO
BÚLGAROS E GAGAÚZOS BESSARABIANOS
"ROMENOS"

BRASIL URUGUAI

БЪЛГАРО-ГАГАУЗКАТА ЕМИГРАЦИЯ ОТ БЕСАРАБИЯ
GAGAZUZ-BULGAR EMIGRATIYASI BESARABIYADAN
EMIGRARE BULGAR-GAGAUZA DIN BASARABIA

80 ANOS DA IMIGRAÇÃO NO BRASIL

O tema **IMIGRAÇÃO DE BÚLGAROS E GAGAÚZOS BESSARABIANOS**, tratado em 2005, no livro anterior, **IMIGRAÇÃO NO BRASIL**, do mesmo autor, traz, agora, dados inéditos sobre outras famílias, que se estabeleceram no Brasil e no Uruguai.

Fatos de grande interesse sócio-cultural, histórico e geográfico, emergem de relatos biográficos, árvores genealógicas, croquis, fotos da época e mapas, compondo um conjunto iconográfico de mais de quinhentas imagens.

Encontram-se aqui descritas as colônias fundadas por búlgaros e gagaúzos em nosso país: Aurora, Balisa, Concórdia (Buri), Esperança, "Feiticeiro", Nova Bessarâbia, Paget, Prata, Setenta, Terra Rica, Ibiporã, Velha de Terenos e Lajeado Henrique, além da colônia uruguaia Concórdia.

O autor revela a influência evangélica das Igrejas Batista e Pentecostal sobre grande número de imigrantes eslavos, originariamente filiados à Igreja Ortodoxa e aborda, ainda, a cultura e a história da República da Gagaúzia, incluindo mini-vocabulário da língua de origem altaica, com pronúncia figurada.

Curiosidades da empírica prática búlgara na odontologia e medicina dos séculos XVIII e XIX, seus mitos e tradições são aqui resgatados, dentre elas receitas das culinárias búlgara e gagaúza.

Enfim, através da compreensão pelo autor de suas raízes búlgaras, encantamo-nos, mais uma vez, com o tema da imigração dos povos, retrato de nossa própria humanidade em eterna busca frente ao desconhecido.

A nós, descendentes desses intrépidos imigrantes, resta, talvez, a travessia de outros oceanos, os do preconceito, da desigualdade social, das fronteiras geográficas, das diferenças de crenças e ideologias e da devastação do planeta, rumo a novas aventuras de quem crê que o destino da espécie humana é sempre maior e mais venturoso do que parece, no início de cada viagem.

Como já disse um poeta, "... resta ao homem a difícil e dangerousíssima viagem de si a si mesmo", para conhecer sua própria origem e natureza e então, entregar-se à aventura de atravessar quaisquer fronteiras que o separem de seus semelhantes.

Thereza Christina Monteiro Cocicov

ISBN 858723838-8



Ficha Catalográfica

C747i Cocicov, Jorge
Imigração Búlgaros e Gagaúzos Bessarabianos "Romenos" Brasil Uruguai
Jorge Cocicov. – Ribeirão Preto
Editora Legis Summa – 2007.

725p. :28x19cm.

ISBN - 85-87238-38-8

1. Imigração – 2. Búlgaros – 3. Gagaúzos – 4. Romenos

CDU314.742 (497.2)

Bibliotecário – Rogério Luiz Pereira
CRB 8 SP 082/03

Capa: Thereza Christina Monteiro Cocicov
Revisão: Cairo Antonio Pimenta Lins
Diagramação: Husky Comunicação Visual
Daniela Barreira Alves
Adriano Alves Barreira

Contato com Autor:
Fax : (16) 3621-8136
E-mail: jorge.cocicov@uol.com.br

Esta obra está inscrita e registrada nos órgãos competentes. As transcrições de textos, imagens ou de fotos serão admitidos com a citação da fonte e de seu autor, sob as penas da lei.

(Lei nº 5988, de 14/12/1973)

ISBN 85-87238-38-8



2ª Tiragem

Impressão e Acabamento:

Editora Legis Summa Ltda.

Livros Jurídicos Didáticos Históricos e Poéticos
Rua Dom Alberto Gonçalves, 1355 - Campos Elíseos.
Fone/fax (016) 626-0492 Ribeirão Preto SP.
E-mail: editoralegissumma@uol.com.br

B)- COLÔNIAS NO ESTADO DO PARANÁ

B.1- COLÔNIA CONCÓRDIA

(Município de Ibiporã-PR)

O nome "Ibiporã" tem origem na língua guarani, com o significado de "Terra Bonita".

As terras deste município são abrangidas pelo vale do caudaloso rio Tibagi, ao norte do estado do Paraná, e cortadas pelo ribeirão Ibiporã, tributário do ribeirão Jacutinga.

Há, também, um córrego de menor expressão, Águas da Concórdia, que banha a região, onde nasceu a colônia Concórdia, formada pelos búlgaros, de origem bessarabiana, e o córrego Água da Fartura, que corre, nas suas imediações.

A razão da presença destes batalhadores imigrantes, em Ibiporã, estava nas suas ricas terras roxas, recheadas de matas e de palmitais, em meio a um clima quente, numa altitude de quatrocentos e oitenta e seis metros. Eles estavam localizados em terras, que começaram a apresentar declínio na sua força de produção agrícola; mais precisamente, nas colônias Esperança e Nova Esperança, no município paulista de Quatá, às margens do rio do Peixe.

Fora o engenheiro, Francisco Gutierrez Beltrão, quem, após ter recebido a área integrante do chamado Terreno do Jacutinga, por concessão do governo estadual e as terras de propriedade da Companhia de Terras Norte do Paraná, que teve a incumbência de loteá-las, em pequenas propriedades agrícolas, que pudessem interessar aos agricultores de café do estado de São Paulo.

Foi, no ano de 1934, que surgiram os pioneiros, nessa fase de implantação do núcleo populacional.

Houve um amplo planejamento, que incorporava um pequeno centro urbano, contando com vias de escoamento do que viesse a ser produzido, preponderando a férrea, que foi inaugurada, em 1936, marcando bem o início do seu progressivo florescimento.

A proximidade, com a pujante e crescente cidade de Londrina muito contribuiu para o seu desenvolvimento, desde quando, ainda, era distrito do município de Jataizinho e, depois de Sertanópolis, ambas da região norte paranaense.

A empresa loteadora chamava-se Sociedade Técnica Colonizadora Engenheiro Beltrão Ltda. e conseguiu êxito, ao atrair imigrantes das mais diversas etnias, dentre as quais a eslava formada, principalmente, por búlgaros bessarabianos e russos.

Os primeiros búlgaros foram os da família Wolcov, que aportaram, ali, no ano de 1936. Depois, vieram os Crincev, Cernev, Murgi (este da etnia gagaúza), Duduchi, Krincev, Staianov, Gorban, Guisselar, Dosmanolo, Cristo, Clementin, Deverenko, Domusci, Pipiliascov, Bondar, Berber, Novac, Lukareski, Chermicci, entre outros, todos oriundos da Bessarábia.

Na cidade de Ibiporã, no Norte, daquele estado, estava se formando uma nova colônia de imigrantes búlgaros, chamada Concórdia.

Os Gorban vieram, em 1936, da colônia Setenta, localizada na cidade paulista de Quatá, porque esta colônia, "não mais oferecia condições de terra boa." ¹

Outras etnias fizeram-se presentes, como a família Ciuvalschi,² que, na pessoa de Stefan Ciuvalschi, casado com Arcília Dumusci, adquiriu, em 1935, dois terrenos, uma data vizinha e meio alqueire de terras agrícolas do lado esquerdo da ponte do rio Jacutinga. Em um dos terrenos, atualmente, está localizada a farmácia Central.

¹ Veja, no Capítulo V, Família Gorban.

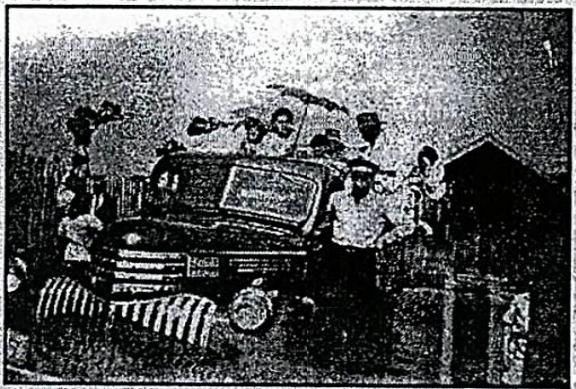
² Dados extraídos do levantamento biográfico intitulado: "Pioneiro: Stefan Ciuvalschi", arquivado no Museu Histórico e de Artes da Fundação

*CAPÍTULO IV - COLÔNIAS FORMADAS POR AGRICULTORES
BÚLGAROS E GAGAÚZOS BESSARABIANOS*

Stefan Ciuvalschi e sua esposa, com dois filhos, Jorge e Pedro, desfez-se de suas terras, no município de Quatá-SP e transferiu-se para Ibiporã, somente, em 1936. Ele desbravou a área rural, declarando que “os esforços foram tantos que, sob o sol tropical, tanto porejou, que ficou curado de uma velha bronquite, contraída na Europa.”(sic)

No ano seguinte, com a vinda do sogro Dumusci, ele montou a serraria Jacutinga³, na saída de Ibiporã para Sertanópolis, em frente de uma ponte existente sobre o rio Jacutinga, passando a transportar toras.

Em 1940, ele adquiriu um caminhão de Alberto Spiacci, um dos primeiros caminhões a transitar, no município. Ele era da marca Chevrolet, modelo Gigante Especial, equipado com marcha reduzida, para vencer as subidas íngremes.



116- Stefan Chuvalschi com seu caminhão Gigante Especial - Chevrolet - um dos primeiros caminhões a transitar por Ibiporã. Nesta foto, ele está com seu guepe de motorista, satisfeito, transportando a banda de música de sua igreja. Ibiporã-PR. 1940.

Ele se dedicou ao frete de aluguel; o primeiro da cidade, para onde se mudou, trabalhando, nesse mister, durante doze anos, fazendo carretos e mudanças. Como era comum, na época, ele transportava pessoas na carroceria, levando-as, comumente, para festas de casamento, na zona rural, ou os integrantes da banda de músicos de sua igreja.

Originariamente, o caminhão era movido a gasolina, porém, durante a guerra, por racionamento de combustível, o veículo foi adaptado para o sistema de gasogênio, cujo acionamento diziam que tinha um cheiro ruim. Nele, foram colocados dois tambores de carvão que, ao queimar, produzia o gás necessário para impulsionar o caminhão, porém ele durava pouco, obrigando o motorista a parar, a cada três ou quatro quilômetros, a fim de produzir mais quantidade de gás e reiniciar a viagem.

Quando terminou a guerra, foi normalizada a distribuição de gasolina e o “gigante especial” voltou a ser movido pelo seu combustível original.⁴

Foi Stefan quem construiu a primeira residência de alvenaria da cidade, e teve que a ceder ao médico, Dr. Mauro Filgueiras, que exigia casa, assim edificada, para estabelecer sua residência e consultório. Este médico nela permaneceu, durante oito anos, quando foi construído o Hospital Santa Terezinha.

Entre 1951 e 1973, Stefan Ciuvalschi foi motorista de taxi, aposentando-se por invalidez. Ele e Pedro Ferreira de Azevedo, construtor e presbítero da igreja Assembléia de Deus, erigiram o atual templo desta.

Arcília Dumusci e Stefan Ciuvalschi tiveram, também, cinco filhos, nascidos em Ibiporã, a saber Catarina, Paulo, Nicolau, Neuza e Nelson.

Todos os imigrantes, praticamente, tinham dez alqueires de área e reservavam, em suas propriedades, nos tempos áureos da colônia, dois e meio alqueires para a formação de pasto, cultivando, nos restantes sete e meio alqueires, onze mil e quinhentos pés de café.



117- Caminhão de propriedade de Stefan Chuvalschi carregado com 114 fardos de feno, tendo, ao lado, João Cortez Móstaco, João Cortez Saez, Stefan Chuvalschi e Jorge Chuvalschi. Ibiporã-PR. Fevereiro de 1948.



118- Stefan Chuvalski e Arcilia Domusci, casal pioneiro com o filho Paulo, numa gincana realizada pelas escolas municipais, Ibiaporã-PR, 1989

Alguns outros, também, nas décadas de 1930 e 1940, mudaram da atividade agrícola, em terras próprias, preferindo o arrendamento, a meação ou a prestação de serviço braçal. Houve quem se dedicou ao transporte, em caminhão ou táxi, e ao comércio.

A maioria dos búlgaros bessarabianos dedicou-se à lavoura em terras próprias, principalmente na região do córrego Água Concórdia, formando a Colônia Concórdia.

Eles, sem saberem a palavra certa, diziam ser “bulgareses”, ao invés de búlgaros, talvez, por conotação com os plurais: poloneses, franceses, portugueses etc.

A atração dos imigrantes, por estas terras do norte do Paraná, conforme nos ensina Jorge Cernev,⁵ estava na fertilidade da terra roxa da região do rio Jacutinga.

Ele faz um interessante apanhado de como foi formada a colônia Concórdia, ao escrever que os imigrantes, chegaram fazendo a derrubada da mata e, em seu lugar, eles formaram cafezais. “Para sua subsistência, cultivaram, também, o feijão, arroz, milho, trigo, mandioca, melancia, pepino, melão, bananas, maçã, pera, pêsego, ameixa e uva, suas principais culturas. Eles formaram hortas e pomares, conservando, também, algumas plantas nativas, como o Jaracatiá e a Guabiroba.

Os sítios, em sua maioria, convergiam para dois pequenos córregos afluentes do rio Jacutinga. Eles conservaram as matas ciliares e, em obediência à legislação e aos contratos, deixaram intacta uma parte da mata nativa, geralmente no espigão. Diferentemente da prática introduzida pela Companhia de Terras Norte do Paraná, que localizava as estradas vicinais no espigão, ali, a estrada que servia de comunicação e escoamento passava por dentro dos lotes.

Na parte mais baixa, próxima dos riachos, ficavam as áreas das pastagens, onde uma pequena criação fornecia o leite e seus derivados. Criavam-se, também, porcos, cujos chiqueiros (mangueirões) ficavam perto da estradinha, mantendo-se os suínos longe do riacho, a fim de manter a água limpa para o gado. As lavouras localizavam-se, na parte alta, menos vulneráveis às geadas.

Próximo da estradinha localizavam-se as moradias, cada uma com o seu poço, o pomar, a horta, o terreiro e a tulha. Feita a derrubada da mata, pouco a pouco, os primeiros ranchos de palmito foram substituídos pelas casas de madeira, primeiro cobertas com as tabuinhas e, só depois, com as telhas de cerâmica. Praticamente, todos mantinham uma criação de galinhas. Alguns criavam patos, gansos, galinhas de angola e, até, perus.

Depois da casa, vinham os cafezais com suas estradinhas (carreadores) no centro. Entremeados aos cafezais plantavam-se os cereais, que eram recolhidos nos paióis, pequenos ranchos, geralmente, de palmito. O café era mantido na tulha, depois de secado no terreiro.

Eles usavam, para sua locomoção, o cavalo e a carroça, tendo alguns adquirido charretes, no Patrimônio do Heimtal, localizado nas proximidades, mas no município de Londrina.

No núcleo central da colônia estabeleceram-se três famílias Krinchev, duas Volcov, duas Stoianov, duas Cernev, Murgi, Duduch, Puchechan, Gorban e Chuvalski. E, depois, as famílias Ivanov, Pipiliascov, Kirmichi e Karabajá.

Nas margens do rio Jacutinga, próximo da rodovia, localizavam-se os Guitsalar, Dumusci, Bôndar, Tchuvalski e Kalchev e, um pouco mais além, na Água das Abóboras, os Morosov e os Berber

*CAPÍTULO IV - COLÔNIAS FORMADAS POR AGRICULTORES
BÚLGAROS E GAGAÚZOS BESSARABIANOS*

Como a madeira era abundante, Paulo Dumusci instalou uma serraria, ao lado da ponte do rio Jacutinga.

Todos eles mantiveram estreito contato com outras famílias, que se estabeleceram no núcleo urbano de Ibiporã e que lhes prestavam apoio. Estas famílias eram as de André Sert, João Derevenco, Estevão Chuvalski, Nicolau Constantinov, Basílio Donchev, Constantino Volcov e Trofim Yastrebov, sendo que, mais tarde, a elas juntaram-se novas famílias, como as de Vacílio Cercasin, Trofim Ogurtsova, Basílio Constantino, Anna Bulgacov, Basílio Cernev, Moisés Novacov, Jacó Talisin, Pedro Velchev, Lucareski, Savo, além de outras, que permaneceram menos tempo, no local.

Lojas de tecidos, secos e molhados, padaria, alfaiates, mecânicos, relojoeiros, transportes foram algumas das atividades desenvolvidas por eles e, com o passar dos anos, os jovens descendentes foram crescendo e novas famílias foram se formando, muitas delas, ainda vivendo e desempenhando suas atividades, em Ibiporã.

Na colônia Concórdia, havia muita cordialidade e colaboração, especialmente, durante o período da guerra, quando foram tratados pelas autoridades como “inimigos”, não tendo direito nem sequer de viajar de ônibus.⁶ Faltando alguns produtos, as pessoas, inclusive as crianças, saíam de suas casas, às duas horas da madrugada, caminhando, no escuro, até Ibiporã, onde aguardavam, na fila, em frente do Cartório Salinet, até às oito horas, para receberem uma senha, que lhes dava o direito de adquirirem um quilo de açúcar ou um litro de querosene, conforme a ocasião. Para contornar essa crise, os colonos fabricavam, em casa, sabão e velas, com sebo e barbante.

Na falta do açúcar, Puchichan, um dos colonos, montou um engenho, para produzir a rapadura, atendendo, assim, toda a colônia.

Nas tardes de Domingo, era costume reunirem-se, alternadamente, nas casas dos patrícios amigos, quando os homens, num grupo e as mulheres noutra, conversavam sobre as novidades e trocavam informações sobre seu trabalho, problemas familiares, educação dos filhos e, sobretudo, sobre a dureza da vida que levavam.

Ninguém tinha rádio, recebia jornais ou, mesmo, correspondência da Europa, de tal maneira que tinham pouco a comentar sobre a guerra e os problemas mundiais, pois informações, dessa natureza, eram obtidas, apenas, quando iam à cidade. Além disso, para quem teve que deixar sua terra natal e aventurar-se por terras estranhas, a guerra não era um bom tema para ser relembrado.

Nessas tardes domingueiras, eles desfrutavam do vinho, comendo os quitutes e as conservas produzidos em suas propriedades.

O vinho era produzido, na própria colônia. A uva era esmagada em bacias, geralmente, com as mãos ou com os pés, conforme a tradição trazida da Europa.

A solidariedade era grande, especialmente, durante o período da guerra. Além da discriminação, as dificuldades econômicas e de comunicação com os brasileiros serviram para unir mais os integrantes da colônia.

Periodicamente, um dos sitiantes abatia um boi, cuja carne era repartida com os vizinhos, assim como outros alimentos; ferramentas e outros utensílios circulavam, entre as diversas famílias, conforme as suas necessidades.

Quando alguém precisava ir até o núcleo urbano, ele avisava os vizinhos e tornava-se o portador das encomendas. Se ele ia com a carroça, então, ele virava um quase-mercador!

Os colonos iam à cidade, normalmente, a pé, caminhando por uma estrada empoeirada, durante o estio, ou, com muito barro e lama, nos períodos de chuva. Com poucos recursos, a maioria andava a pé e descalça. Quando, a passeio, principalmente, aos domingos, alguns levavam um pedaço de pano e, quando chegavam na entrada da cidade, limpavam os pés e, os poucos, que tinham sapatos, calçavam-nos.

Na colônia, durante o período do seu apogeu, foi erigida uma escola com recursos, de mão de obra e material dos próprios colonos, para a qual o estado designou a professora, que vinha de Londrina.

O terreno da escola, destacado do sítio da família Krincev, foi doado ao poder público, sendo inicialmente escriturado em nome de João Derevenco, cidadão muito conceituado, em Ibiaporã.

A escola foi localizada, na margem oeste da estrada principal que ligava Ibiaporã à sede do município de Sertanópolis, de tal maneira que atendia, também, uma colônia de italianos, localizada em frente do outro lado da rodovia, a qual, por sua vez, colaborava fornecendo a hospedagem para a professora. A primeira professora chegava na segunda-feira e retornava, apenas, no sábado.

No início da semana, os alunos postavam-se, na beira da estrada, para aguardar a chegada da “jardineira”, que trazia a professora Virgilina de Oliveira. Quando a “catita” ou outro ônibus, apontava lá longe, alguém gritava: ‘-A jardineira já tá vem vindo’.

Por aí, vê-se a dificuldade dessa abnegada professorinha, com a necessidade de lidar com alunos que, ao chegarem para as primeiras aulas, não sabiam falar em português. Alguns, quanto muito, sabiam dizer, apenas, “bom dia!”. Depois dela, foi nomeada a professora Lina Tchuvalski⁷ Estevam Krincev informou, ao autor, que “freqüentou esta escola rural primária, até o terceiro ano, cujas professoras foram Lina Chuvalski, Otília e Berzelina.” (sic) Lina, aparece com o sobrenome Tschuvalski, na foto, da Primeira Turma de Diplomandos, do Grupo Escolar Dr. Francisco G. Beltrão, na época em que o curso primário durava cinco anos, tirada em 1944, cedida por Stefan Chuvalschi e integrante da exposição, que residia, às margens do rio Jacutinga, a meio caminho, entre a escola e a cidade de Ibiaporã.

Diariamente, antes de entrar na sala, os alunos formavam duas filas: a dos meninos e a das meninas, e cantavam o hino nacional. Essa prática fazia parte do sistema educacional vigente, no período do governo de Getúlio Vargas.



119- Escola na Água da Concorórdia - Pessoas não identificadas. Ibiaporã-PR. 1944

A escola dispunha, apenas, de uma sala, na qual estudavam alunos da primeira à terceira séries do primário. Aplicavam-se castigos e um dos mais rigorosos era colocar o aluno ajoelhado sobre grãos de milho, no canto da sala, de costas para a turma; outro, era dar “bolos”, uma espécie de palmatória, que consistia em estender as mãos abertas, para apanhar com uma grossa régua de madeira. Não trazer as tarefas prontas de casa, também, podia ser motivo para ficar retido, após as aulas. Nestes casos, o castigo maior era chegar tarde, em casa, e receber as reprimendas dos pais.

A escola tinha um poço, de onde era retirada a água para beber e também para lavar o assoalho e os móveis, o que era feito pela professora, semanalmente, com a ajuda dos alunos.

Material escolar era coisa rara e consistia em lápis, régua de madeira, borracha, cartilha e três pequenos cadernos: de linguagem, aritmética e desenho. Tomavam-se notas, nas aulas, a título de rascunho, num papel inferior, utilizado para embrulho, que era adquirido na padaria, em Ibiaporã.

Berzelina." (sic) Lina aparece com o sobrenome Tschuvalski, na foto, da Primeira Turma de Diplomandos, do Grupo Escolar Dr. Francisco G. Beltrão, na época em que o curso primário durava cinco anos, cedida por Stefan Chuvalschi e integrante da exposição.

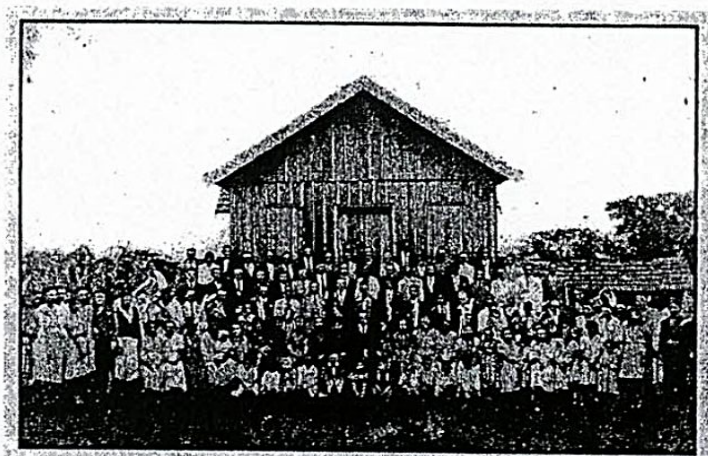
*CAPÍTULO IV - COLÔNIAS FORMADAS POR AGRICULTORES
BÚLGAROS E GAGAÚZOS BESSARABIANOS*

Ninguém dispunha de pasta, arquivo ou bolsas de couro, para guardar e transportar o material escolar. Usavam-se bolsas feitas de pano grosso, costuradas com alças, em casa, para serem levadas a tiracolo. Entretanto, por exigência da professora, os cadernos e a cartilha tinham que ser encapados. Quando se rasgavam, eles eram consertados com um pedaço de tecido e uma cola feita com farinha de trigo.

Os alunos usavam guarda-pó branco, que deveria estar, radicalmente, limpo.

No recreio, os meninos corriam e chutavam uma bola de pano, num terreno de chão duro, sem traves para a demarcação dos gols. As meninas brincavam de “bola queimada” e “lenço atrás”. Nos dias de chuva, o recreio era, na própria sala de aulas, com a brincadeira de passar o anel ou outras de adivinhação.

A escola não dispunha de carteiras nem cadeiras para os alunos. Havia mesas feitas com tábuas e caibros, para quatro ou cinco alunos. Os bancos eram rústicos, sem encosto. Havia, só, uma mesinha e uma cadeira para a professora. O quadro negro, pequeno, tinha que ser apagado com um pedaço de pano, várias vezes, durante cada aula, pois, na sala, conviviam alunos das três séries.



120- Inauguração do templo evangélico da colônia Concórdia. Membros da Igreja e sua banda - Ano 1938.

Para o lanche, na época, não existia a merenda escolar; os alunos levavam, geralmente, pão caseiro e frutas, como bananas, laranjas, mexericas, maçãs ou peras. Eventualmente, pão vinha com manteiga ou queijo, que eram preparados, em casa, praticamente, por todas as famílias.

Com o esforço de todos, foi, também, construído, no sítio de Teodoro Cernev, um pequeno templo para a Igreja Batista, parecendo ser o primeiro templo religioso construído no município de Ibiporã.⁸ Ele foi desmontado e reconstruído, na propriedade de Pedro Volcov, quando da venda do primitivo sítio.

Os cultos eram celebrados, aos domingos, à noite⁹, sendo que, pela manhã, era realizada a chamada Escola Bíblica Dominical. Embora a maioria falasse o búlgaro, os ofícios religiosos eram realizados em russo, língua entendida por todos. A maioria da população professava a religião batista, mas havia algumas famílias católicas ortodoxas e outros que passaram a fazer parte da Assembléia de Deus, indo congregar, na cidade.¹⁰

A parte musical, bastante precária, contava com um cavaquinho e um bandolim, manejado pelos irmãos Basílio e Miguel Gorban, que chegaram, até, a formar um pequeno conjunto coral. Em ocasiões especiais, como Natal e Páscoa, havia o reforço da participação dos dois irmãos, da família Berber, João e Waldomiro.

Com a grande geadas de 1942 uma das maiores ocorridas na região, sobreveio um período muito difícil, faltando alimentos, inclusive as frutas. Nesse entremeio, até a colheita seguinte, a alimentação dos colonos ficou, muitas vezes, restrita ao café e à mandioca. Depois, a crise foi agravada pelas restrições decorrentes da guerra, quando muitos venderam suas propriedades e mudaram-se para a área urbana, principalmente para as cidades de Ibiporã, Londrina ou São Paulo. Nem sempre houve fome.

que a ilustra, integrante da exposição mencionada nas notas anteriores.

⁸ A Igreja Batista era visitada pelo pastor Basílio Radiuk, que se deslocava de Carapicuíba-SP, a cada dois ou três meses, até Ibiporã-PR, de acordo com dados fornecidos, oralmente, por Estevam Krincev, ao autor.

¹⁰ A Igreja Assembleia de Deus era dirigida pelos próprios fiéis, destacando-se, entre eles, Paulo Guisselar e Demétrio Crincev, conforme informação oral de Estevam Krincev ao autor.

Quando os imigrantes chegaram ao norte do Paraná, eles estavam, praticamente, ambientados com a alimentação nele produzida, pois, anteriormente, haviam nela incorporado o feijão com arroz e outros produtos, principalmente, a mandioca. Como não havia eletricidade nem geladeiras, continuaram preparando alguns alimentos com as técnicas trazidas do velho continente. Assim em todos os lares, havia as compotas e frutas cristalizadas, para durarem mais tempo.

Quanta comida se fazia com a farinha de trigo!

Exemplo dela era a “bánitsa” salgada, massa folhada e recheada com requeijão ou a doce, com abóbora; era o prato que conquistava a todos, principalmente os nacionais. Passar da coalhada, um traço cultural dos eslavos, para a polenta com galinha, foi, só, uma questão de adaptação.

Hoje, a colônia não existe mais.

Nem o local da escola deixou qualquer vestígio!

No lugar da colônia Concórdia, à margem da rodovia asfaltada, pode-se ver, no verão, nada mais do que uma verdejante lavoura de soja e, durante o inverno, trigo.”¹¹

Nos tempos áureos da colônia, todos os que possuíam dez alqueires de terras tinham dois e meio alqueires destinados ao pasto e onze mil e quinhentos pés de café, nos restantes, sete e meio alqueires.

As propriedades agrícolas das famílias Bondar e Domusci estavam localizadas, no bairro Jacutinga e as das famílias Gutislar (“Gutalor”), Dosmanolo e Chaviski, no lado esquerdo da estrada, que separava suas terras, das da Colônia Concórdia. O sítio da família Berber, ficava, além da colônia, em direção a Sertanópolis.

João Cristo e João Clementin tinham os seus sítios, na Água da Fartura.



121: Eva Deverenco
Ibiporã-PR.

Os sítios serviam-se de água extraída de poços, que cada um perfurava. em suas terras, exceção de Radion Crincev, em cujas terras havia uma boa nascente de água, por ele canalizada.

Dentre os citados acima, Basílio Pochechan, era de origem russa, Chaviski, polonês e Basílio Murgi, de etnia gagaúza. João Deverenco, búlgaro, foi o primeiro padeiro da cidade e o primeiro a fazer picolé. Como não havia energia elétrica, ele produzia seus picolés, conseguindo energia de um pequeno motor movido a diesel, razão pela qual, não havia sorvete, à venda, o dia todo; somente, durante algumas horas.¹²

Outros, muito mais tarde, por volta de 1961, adquiriram sítio, na colônia Concórdia, como a família Constantinov, constituída de Constantin Filip e seu filho Ioan, este casado com Marina Grecov e seus filhos. Os Constantinov tinham decidido sair da cidade de São Paulo, dispostos a recomeçarem a atividade agrícola, que haviam deixado, em 1945, na Colônia Esperança, em Quatá-SP.

Eles formaram um bonito sítio provido de terra fértil e mantiveram uma anterior plantação de café.

A permanência naquela propriedade foi até 1965, quando a venderam para retornarem a São Paulo.

Foi no ano de 1939 que os Krinchev¹³, após venderem suas terras, situadas na colônia Esperança, transferiram-se para Ibiporã-PR, onde adquiriram dez alqueires de terra virgem, na colônia Concórdia, composta de imigrantes patricios.

No lugar da mata, plantaram feijão, milho e algodão e, mais tarde, café, cuja colheita inicial deu-se, três anos depois, tudo num duro e cansativo trabalho braçal diuturno e familiar.

¹² Dados extraídos da legenda, que ilustra foto de Eva Deverenco, sob n.º 69, da exposição mencionada nas notas anteriores.

¹³ Ver, no Capítulo V Família Krinchev. Obs.: O entrevistado, Estefan Krinchev, após seis meses do seu depoimento oral, faleceu em 18-11-2006.

Estevam Cralcev, hoje, com setenta e um anos de idade, e seus dois amigos, Carlos Chernev e Carlos Nicolaev, também, descendentes de búlgaros bessarabianos, fizeram um levantamento gráfico da colônia Concórdia com a exata localização dos sítios dos seguintes proprietários: Radion Krinchev, João Krinchev, Dimitrio Krinchev, Jorge Wolcov, Theodoro Cernev, Joaquim Cernev, Basílio Murgi, Constantino Staianov, Paulo Staianov, Abrão Duduch, Radion Crincev, Frederico Lucareski, Basílio Puchechan e João Chuvalski.

Estevam, desde quando tinha quatro anos de idade, conviveu, nesta colônia, com parentes e amigos de seus pais, alguns, desde os tempos da colônia Esperança, em Quatá. Eles faziam reuniões, à noite, e viam-se, nos cultos evangélicos, na igreja Batista, construída, na própria Concórdia, pois a maioria, deixando de ser da religião Ortodoxa, tornou-se evangélica.

Estevam Krinchev,¹⁴ além do trabalho agrícola, trabalhou, também, com caminhão, comprando cereais para revender. O café, por exemplo, vendia-o, em Arapongas, Londrina e Rolândia, cidades paranaenses.

Atualmente, ele e seu filho, José Roberto Krinchev, são os únicos proprietários remanescentes da colônia Concórdia. Eles mantêm dez alqueires, nos quais é possível ver pomar, pasto e plantação de soja e milho, além de vacas de leite, criação de alguns porcos e muita galinha.

Todos os outros, donos dos sítios, venderam-nos por causa das fortes geadas, apesar de não serem muito repetitivas e, também, porque os cereais estavam, permanentemente, com preços não compensadores.

Muitos foram procurar outras áreas ou atividades, como, acima, o professor e historiador, Jorge Cernev, destacou. Entre eles, Basílio Gorban, que se mudou para Londrina; Demétrio Berber, para Corumbataí do Sul-PR e Jorge Novac, para Curitiba.

Os Novac, a rigor, não eram proprietários, porém Miguel Novac, mais conhecido por “diado Mial”¹⁵, e seus filhos, Jorge e Cláudio, trabalhavam nos cafezais dos patrícios, em parceria. Além destes, “diado” Mial tinha a filha, Vera.



122- Estevam Krinchev, no sítio de sua propriedade e do seu filho José Roberto Krinchev. - Concórdia, Ibiporã-PR. Março de 2006.

João Gorban, com quarenta e três anos de idade, e Maria Nicolai Gorban, com trinta e dois, com seus filhos Stana, com oito e João Filho, com cinco anos de idade, depois de oito anos de lavoura, saíram da colônia Setenta, em Quatá-SP. Eles se mudaram, em 1936, para o estado do Paraná, em busca de melhores condições e de terra boa, encontrando-as na cidade de Ibiporã, no norte daquele estado.

Lá, estava formando-se uma nova colônia de imigrantes búlgaros chamada Concórdia, onde adquiriram terras e ficaram até o ano de 1943, quando resolveram ir para Londrina.

Os Chernev foram sitiantes, na colônia Letônia, em Quatá-SP, e no vizinho bairro Campinho, perto da colônia

Esperança, onde nasceu Jorge Chernev¹⁶, em 26-01-1956.

A decadência da cultura do café, naquela região, forçou-os a tentarem a vida em terras novas e, por isso, aportaram em Ibiporã-PR, tornando-se, por pouco tempo, sitiantes na colônia Concórdia, pois mudaram-se para o centro da cidade, onde Nicolau se estabeleceu como sapateiro.

Boas lembranças ficaram do tempo, em que viveram na colônia, como a de que, nela, aos domingos, havia reunião familiar realizada, em cada uma das casas e, nelas com muita paz e alegria, havia festa com muita diversão, cantorias e músicas de instrumentos.

¹⁶ Veja, no Capítulo V, Família Chernev.

¹⁷ Dados fornecidos por Leila Chernev, por e-mail de 12.10.2006.

Ivan Volcov, imigrante búlgaro bessarabiano, hoje, com noventa e um anos de idade, viúvo de Ecatharina Viticov Volcov, reside em Joinville-SC, também, morou, em Ibiporã. Aposentado, ele se mudou do estado de São Paulo para o Paraná, onde morava com a filha, Nádia Volcov Abdom, também, viúva. Ele permaneceu pouco tempo em Ibiporã, pois, em 2002, foi residir no estado de Santa Catarina, em companhia do neto, Carlos Eduardo Abdom, auditor fiscal e advogado, que lhes dá assistência.

Os Nicolaev moraram em dois sítios, na década de 1950: no de Pedro Wolcov e, posteriormente, no sítio de João Gorban, em regime de porcentagem na lavoura de café, conforme relatou Carlos Chernev.

Os Gorban ficaram até o ano de 1943, quando resolveram ir para Londrina.

Kiril Cerkassin era um comerciante, que tinha uma loja de tecidos, na cidade de Rancharia, de onde partia para o norte do estado do Paraná, como mascate, vendendo seus panos, nos redutos agrícolas dos compatriotas búlgaros da Bessarábia. Ele se fazia presente, na zona rural de Ipiborã, freqüentando, também, a colônia Concórdia, para alegria das mulheres, suas principais freguesas, que esperavam pelas mercadorias encomendadas ou pelos tecidos novos, às quais Kiril vendia fiado, na maioria das vezes.

Atualmente, os descendentes dos búlgaros bessarabianos, que integraram a extinta colônia Concórdia, exercem as mais diversas atividades profissionais, em Ibiporã, como:

Advocacia: Lídia Wolcov, auxiliada por sua irmã, acadêmica Zuleide Wolcov e Wilson Domusci (Nova Porto Velho-RO);

Agricultura: Carlos Nicolaev;

Agropecuária: Pedro Nicolaev (Sete Quedas-MS);

Comércio: José Roberto Krincev (frigorífico, padaria e leite), Helena Gorban e Geni Gorban (ramo de móveis, Londrina-PR; Jorge Crinchev (ramo tapeçaria), Hélio Talizim (tapeceiro) e Paulo Chernev (representação na venda de madeira);

Contabilidade: Ruth Crinchev, Estevam Wolcov (São Paulo-SP);

Forças Armadas: Basilio Wolcov (São Paulo-SP);

Magistério: Jorge Cernev, Neide Domusci, Paulo Chuvalski e pastor Júlio Cesar Lucarevski (Londrina-PR);

Medicina: Dr. Davi Domusci, Dr. Nicolau Pipiliascov e Nelson Chuvalski (Londrina-PR);

Microempresa: Nicolau Nicolaev, (ramo do corte de madeira, Jucituba-PR) e Paulo Domusci Neto (ramo da construção civil) e

Religião: Carlos Wolcov, pastor, São Paulo-SP).¹⁷

O croqui, na página seguinte, procura retratar a localização da colônia Concórdia e a distribuição dos lotes.¹⁸

*CAPÍTULO IV - COLÔNIAS FORMADAS POR AGRICULTORES
BÚLGAROS E GAGAÚZOS BESSARABIANOS*

